

Extremismos e intolerância: Uma lição não aprendida Extremism and Intolerance: A Lesson Not Learned

JUSSARA GATTO REGALLA¹

Resumo: Com a preocupação de não se poder tratar os fenômenos totalitários, tais como os fascismos e o estalinismo, como movimentos mortos ou como acontecimentos históricos aprisionados no passado, pode-se constatar que eles ressurgem como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, enquanto modelo de reação ao momento político e social mundial da atualidade.

O que se pretende destacar é a capacidade de atração dessas ideias extremistas lideradas por um chefe e um discurso carismático, a sua capacidade de oferecer segurança e refúgio, propondo um futuro virtuoso, superando o estranhamento, o mal-estar do homem comum ante uma sociedade que condena o indivíduo ao sucesso ou ao fracasso, e o motivo pelo qual as massas se deixam deslumbrar politicamente e se tornam receptivas ao embotamento.

Sob essa ótica, o presente estudo se apresenta como uma tentativa de analisar as condições encontradas na civilização do século XX que propiciaram esses movimentos, como um mecanismo de defesa diante da crise e do desconforto, e a possibilidade de seu ressurgimento através dos neofascismos, no fundamentalismo islâmico e nos atuais sentimentos racistas anti-imigrantes.

Palavras-chaves: Totalitarismo; Psicologia das massas; Culto do Chefe; Intolerância.

Abstract: With the concern that totalitarian phenomena, such as fascism and Stalinism, should not be treated as dead movements or as historical events confined to the past, it can be observed that they resurface as a possibility within the modern mass society, as a reaction model to the current global political and social context.

What is intended to be highlighted is the appeal of these extremist ideas led by a leader and a charismatic discourse, their ability to offer security and refuge, proposing a virtuous future, overcoming alienation and the discomfort of the ordinary man facing a society that condemns individuals to either success or failure—and the reasons why the masses become politically fascinated and receptive to numbing ideologies.

From this perspective, the present study attempts to analyze the conditions found in 20th-century civilization that enabled these movements, as a defense mechanism against crisis and discomfort, and the possibility of their resurgence through neo-fascism, Islamic fundamentalism, and current racist and anti-immigrant sentiments.

Keywords: Totalitarianism; Mass psychology; Cult of the Leader; Intolerance.

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal.

O fascismo não é um partido político, mas uma certa concepção de vida e uma atitude perante o homem, o amor e o trabalho.

(R. Wilhelm, Psicologia de massas do Fascismo, 2001)

Introdução

Em diversos países da Europa, o período entre guerras assinalou a crise da sociedade liberal, criada desde o início do século XX, com a afirmação do capitalismo. Essa crise trouxe como consequências o aumento do desemprego, a queda da produção, a elevação dos índices de inflação e a falência de muitas empresas. Contribuiu ainda para agravar os conflitos entre as classes sociais, tornando-os mais profundos e explosivos. Os valores liberais começam a ser colocados em xeque pela impotência dos governos frente às crises econômicas, que aguçavam as insatisfações sociais e pauperizavam exatamente aqueles setores da sociedade que defendiam os valores liberais: as classes médias, incluindo-se aí os profissionais liberais, pequenos comerciantes e industriais. Desta forma, o recuo das democracias liberais abriu espaço para o avanço dos regimes totalitários.

Não fosse isso, inúmeros comportamentos malévolos que pareciam ter sido soterrados ao fim da Segunda Grande Guerra acabaram renascendo sem nenhum pudor a partir dos anos 60 e 70, com o aparecimento de grupos de identificação e inspiração fascista e, mais à frente, os terrorismos de massa.

É bem verdade que, principalmente a partir da década de 90, não podemos esclarecer esses movimentos à luz dos fenômenos que pretensamente explicariam os fascismos nos anos de 20 e 30, o que nos obriga a lançar a mão de novos métodos. Nem mesmo acreditar que a alardeada ressurgência do fascismo ou neofascismo seria apenas uma invenção dos dogmáticos de esquerda. A presença cada vez mais acentuada dos imigrantes empobrecidos que procuram trabalho nas economias mais ricas, das populações fugindo das «guerras santas», acaba gerando um processo de desigualdade, provocando o crescimento da quantidade de marginalizados, de excluídos. As relações sociais, caracterizadas pelo individualismo, pela competição que segue a lógica do mercado, pelo imediatismo, pelo egoísmo, pela ausência de solidariedade no convívio, vêm favorecendo novos sentimentos de incômodo, de medo, de insegurança.

Diga-se ainda que a invasão do fundamentalismo islâmico, como um fenômeno de extrema capacidade agregadora e de mobilização das massas, aliados ao culto pela morte e a dor, o autossacrifício, a banalização da vida e o descaso em relação à pessoa humana — permitindo-se o assassinio em massa —, levou a uma reflexão e à busca de uma solução de identidade que aproximam o fascismo do fundamentalismo. Acresça-se a isto, como reação a esse fenômeno, os sentimentos anti-islâmicos generalizados que são sentidos, o que

carece de um olhar sensível ao momento social contemporâneo.

A perplexidade diante do terror obscurantista que motivou um povo tão culto e criativo como o alemão a levantar estupidamente os braços para Hitler, aderindo à absoluta barbárie, não nos permite ter certeza de que esses momentos de horror jamais voltarão.

Os tempos efetivamente são outros, mas a violência autoritária ou a «atração pelo mal», no dizer de Humberto Eco (*apud* Salem, 2003: 4), permanecem uma ameaça constante. Prova disso, os neofascismos, os fundamentalismos e suas possibilidades. De qualquer maneira, o conhecimento e a permanente memória do Holocausto, dos campos de morte do Khmer Vermelho, do 11 de Setembro americano, etc., são exemplos basilares que nos fazem ambicionar impedir o retorno desse tempo obscuro.

1. O fenômeno social

Embora muitos defendam a tese de que cada movimento fascista é exclusivo e original, e até mesmo que o fascismo e o nazismo são coisas distintas, onde «cada fascismo, apesar das semelhanças e dos elogios mútuos, sempre defendeu sua plena originalidade histórica e nacional, buscando em seu próprio solo e céu as origens de suas ideias» (Filho, 2000: 110-164), suas diferenças, na verdade, se devem muito mais às características históricas de cada país. Dito isso, é certo que devem ser entendidos

como frutos de um mesmo fenômeno, derivado de sentimentos nacionalistas, em busca de raízes nacionais e raciais.

Diga-se ainda que uma parcela substancial da literatura aproxima o fascismo e o comunismo, chegando a considerá-los como de idêntica natureza, os quais partem de uma análise meticulosa e cruel da chamada democracia liberal e, em especial, da crítica do mal-estar moderno. Em comum também o fato de que tanto os participantes como as testemunhas da história gostariam de poder afirmar que tais movimentos lhes foram impostos de fora, por líderes e tropas de ocupação. Aliado à tentativa de esquecimento, há uma tendência à limitação ao máximo de seus agentes e redução do nazismo (em especial, dado a sua feroz crueldade), como um acidente histórico, um acontecimento datado, circunscrito a Hitler e associado exclusivamente à Alemanha como parte de um projeto de recuperação política da Europa. Entretanto, como precisamente sublinha o professor Francisco Carlos, «tal versão surge como uma explicação simplista do fenômeno», dando-nos a entender que não seria acertado «reduzir o Holocausto e o fascismo a uma só possibilidade histórica e, portanto, encerrada» (Filho, 2000: 117).

Equivocadamente, grande parte da historiografia sobre o fascismo insistia no caráter único, histórico e jamais retomável do fenômeno, restrito ao momento entre guerras e explicável à luz da unificação alemã, do *Risorgi-*

mento italiano, da Primeira Guerra Mundial, do Tratado de Versalhes e da Grande Depressão de 29. Em razão disso, não seria passível de repetição. Entretanto, deve-se ter em conta, contrariando tais posturas, o cenário político europeu a partir dos anos 60 e 70, com destaques nos anos 90, o qual se mostrou claramente tencionado pela presença de partidos e agrupamentos neofascistas. Todavia, o ressurgimento do fascismo como fenômeno de massa não pode ser explicado levando-se em consideração as teses que pretensamente tiveram voz (e ouvidos) ao tentar explicar os fascismos dos anos 20 e 30. Esse revigor nos leva a ponderar e buscar novos parâmetros e métodos, repensando-o «enquanto modelo de reação, organização e participação de amplas camadas das massas populares nas modernas sociedades [...], e muito menos como fenômeno específico da história alemã ou italiana dos anos 20» (Filho, 2000: 122).

Na brilhante observação de Edgar De Decca (2004: 16-21), o sucesso de tiranos ao longo da história é muito antigo e já era objeto de observação por Platão e Aristóteles, os quais puderam perceber a ascensão da tirania na Grécia como um resultado peculiar entre habilidades de alguns indivíduos políticos e aspirações coletivas da plebe. Brilhantemente, aponta o citado professor para uma estreita relação entre a ascensão do nazismo e as ambições e expectativas de massas em um momento histórico em que a sociedade mo-

derna viveu uma enorme crise de identidade e confiança no futuro, e com muita propriedade, assim destaca:

Em países onde a maioria da população se viu privada de suas necessidades e onde essas massas foram carregadas para a vala comum da miséria e da pobreza, os líderes autoritários entraram em cena para substituir as elites políticas dirigentes, que viraram as costas para o grito do povo. (De Decca, 2004: 18)

2. A figura do líder

Muitos intelectuais perceberam essa relação entre os líderes totalitários e as massas na política moderna, destacando-se a percepção mais aguda da filósofa alemã de origem judia, Hannah Arendt, a respeito da ascensão nazista. Em que pese cada país ter desenvolvido sua própria trajetória no que concerne a questão do comando e do chefe, «todos têm em comum uma mesma fórmula que é dita da mesma maneira em todas as línguas em jogo: nós temos necessidade de chefes» (Cohen, 2015).

Diante desse sentimento de desamparo e anseio de proteção, Yves Cohen afirma que na Alemanha a condição para participar do *Führerprinzip* «é de se subordinar inteiramente ao Führer supremo, o qual inclusive poderia mesmo nem ser Hitler», uma vez que o chefe não é «representante do povo, mas o próprio povo» (Cohen, 2015). Com isso a Alemanha se tornou uma nação de chefes: todos devem a

eles obedecer e, com a condição de serem alemães, todos devem comandar. Desse tipo de relação passiva e obediente vai resultar a relação de submissão à figura do chefe. E avança para a trajetória soviética, a qual, segundo ele, igualmente foi marcada «por uma tensão entre a democracia e o governo dos chefes» (Cohen, 2015). Uma democracia de fachada, onde o partido comunista é reconhecido como força dirigente do país, obedecendo as ordens de Stalin. Seguindo nesse paralelo, destaca que «a língua russa tem uma palavra para se referir ao guia equivalente ao de Duce ou Führer: Lenin faz uso dela para evocar que todo membro do partido social-democrata deve ser um vozd» (Cohen, 2015). E é nessa necessidade das massas por proteção que torna o líder capaz de conseguir tudo. Freud, em sua obra *O mal-estar na civilização*, escrita contemporaneamente, à década de 1930, já destacava a necessidade do ser humano de endereçar seu apelo ao pai ou à Providência divina:

ela velará por nossas vidas e nos compensará, em uma existência futura, por quaisquer frustrações que tenhamos experimentado, mitigando nosso temor frente aos perigos da vida. É esse pai ideal que a tradição religiosa ocidental procura sustentar para o sujeito. (Falbo, 2005)

A novidade desses movimentos, nesse aspecto, era sua força psicológica, que predisponha todos a aceitarem ou assumirem seu corpo ideológico. Os recalques e a energia psicos-

social das massas eram canalizados para um envolvimento contagiante com as propostas dos líderes, numa atitude emocional e irracional do homem oprimido (Wilhelm, 2001), e isto apesar de muitas vezes elas se voltarem contra os interesses da própria sociedade. Dentro do quadro de crise, o fascismo ainda introduziu uma arma poderosa: a propaganda, oferecendo não só o fim da crise e do desemprego, mas também uma mudança profunda no próprio sistema capitalista.

Desta forma, o militante nazista pode ser definido como um crente, um apóstolo e um fanático. Assim, o culto da personalidade de Hitler assumiu traços de pura idolatria. Não por acaso, Hitler tinha por costume chegar nos locais das festividades de avião. Sobrevoava lentamente sobre a esplanada para aparecer aos olhos de seus fiéis como um Deus descendo sobre a terra. Nas primeiras sequências do filme *O triunfo da vontade* (Riefenstahl, 1935), o qual documentou o Congresso Nacional do NSDAP, Hitler chega de avião, claramente como um esperado Messias. Aliado a isso, uma característica comum aos discursos nos comícios nacional-socialistas era a habilidade em manejar as emoções dos indivíduos, formando indivíduos submissos que se adaptassem à ordem autoritária, evitando qualquer argumentação objetiva. Assim, limitava-se a apontar para as massas apenas o desígnio final (Oliveira e Cruz, 1970).

Sheila Fitzpatrick salienta em seu artigo *On Stalin's team – The years of living dangerously in Soviet politics* (Fitzpatrick, 2015: 248-251) que, durante 25 anos, Stalin manteve um grupo de estreitos colaboradores políticos ao seu redor, ocupando cada um com importantes responsabilidades governamentais e partidárias, com quem se reunia coletivamente várias vezes por semana para discussões políticas. A forma do governo de Stalin era, sem dúvida, uma espécie de ditadura pessoal – mas esse termo está longe de explicar como tudo sobre ele se operava. A autoridade de Stalin com a equipe era preeminente. E a equipe respeitou sua ousadia, determinação, coragem e inteligência. Eles achavam que ele era o mais brilhante deles – o líder natural.

3. A intolerância ao «diferente»

O fascismo, em todas as suas formas nacionais: na Romênia, Hungria, Croácia, Itália, etc., ficou marcado pelo antissemitismo, pelo ódio ao judeu e a outros grupos minoritários, vistos como «antinacionais», tais como o não-ariano, o comunista (e outros marxistas), os maçons, os Testemunhas de Jeová, os homossexuais, os ciganos, os negros, os estrangeiros e todos aqueles que afrontam a perfeição nacional-racial, como os doentes físicos e mentais, assumindo, entretanto, na Alemanha o ódio aos judeus um objetivo nacional, como um aspecto de política de Estado.

Sendo assim, o objetivo central de ação do fascismo residiria nas próprias bases da diferença, da diversidade étnica, partidária, das classes sociais, as quais devem desaparecer em face de seus ideais de unicidade, nação, raça e corporação, numa união dos supostos iguais contra os diferentes, vistos como grandes inimigos de toda a humanidade, e, portanto, deveriam ser eliminados.

Yves Cohen (2015) nos confere um exemplo stalinista de terror de massa e de força repressiva: «aquela segundo a qual a solução dos problemas que sempre é favorecida é a de uma repressão orientada ao mesmo tempo contra uma fração da população e contra os membros do partido que hesitam frente a esta política». Cita uma das ações conduzidas por Stalin – a lei que, «em plena onda de fome no sul da Rússia e da Ucrânia, condenava à morte ou a no mínimo dez anos de campo de concentração aqueles que violam a propriedade socialista» (Cohen, 2015). Diria Lenin: «a ditadura do proletariado não se exerce apenas sobre a burguesia, mas também sobre a pátria ainda inconsciente e titubeante dos proletários e seus aliados, os reformistas. Quanto aos reformistas, são fuzilados» (Ferro, 2017: 51).

Nesse paralelo, Marc Ferro aponta para o objetivo da Al-Qaeda como sendo a islamização da modernidade, numa luta contra o inimigo – Arábia Saudita e os americanos – «responsáveis, segundo eles, pela violação do santuário da terra do Islão aquando da guerra do Golfo,

pelo reforço do imperialismo ocidental e pelo apoio dado a Israel» (Ferro, 2017: 33).

Interessante se compararmos essa ideologia com o diagnóstico social fornecido por Freud (1978: 148-149) a respeito dos métodos pelos quais os homens, numa atitude de desafio desesperado, se esforçam para conseguir a felicidade e manter afastado o sofrimento. Freud já diagnosticava a crise a ponto de sustentar que uma pessoa se torna neurótica exatamente porque não consegue tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, assumindo uma estranha atitude de hostilidade:

Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. Há, é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos. [...] O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. (Freud, 1978: 142-145)

Incontestável, portanto, a característica intolerante desses movimentos, o distanciamento, a estranheza, a frieza em relação ao outro enquanto pessoa, em nome da identificação com

um coletivo anônimo. Sentimentos esses que impedem qualquer possibilidade de amar e relacionar-se com qualquer um que não pertença ao pequeno grupo eleito como padrão – «Ela (uma pessoa) merecerá o meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela» (Freud, 1978: 165). O problema surge diante da dificuldade de amar o diferente, o estranho, o qual passa a ser considerado como indigno de amor, legitimando a hostilidade e até mesmo ao ódio. Tais sentimentos constituíram, sem dúvida, a condição psicológica fundamental para a ação coletiva: populações mobilizadas, territórios ocupados, mortes de massa, bombardeamento de civis, genocídios.

4. Os carrascos voluntários

Ao final da Segunda Guerra, à medida que os campos de concentração nazistas eram devassados e todo o espetáculo de horror era descoberto, ficou claro que nunca o ser humano descera tão baixo, nem rebaixara tão gravemente, como naquela situação, sua condição humana. Mesmo que se sustente que se sabia pouco ou quase nada, estando sob o manto de sigilo que os nazistas ativaram sobre os campos de morte, trata-se, na verdade, de uma atitude defensiva de ainda hoje esconder a grande degradação a que a criatura humana havia chegado, posto que não há mais como negar que se sabia de tudo aquilo. Era muita

gente envolvida para que a noção do horror pudesse ser contida.

Ora, os alemães não praticaram o Holocausto sozinhos, mesmo que a ordem nazista tenha sido a força propulsora do fenómeno. Contaram com muitos voluntários e assistentes, entre lituanos, letões, ucranianos, húngaros, romenos, croatas, austríacos, entre outros, formando grandes contingentes de assassinos da SS,² comandantes de campos de extermínio e pessoal envolvido na Solução Final. Até a França colaborou, não apenas matando judeus, mas também deportando-os rumo à Europa Oriental e aprovando legislação cruelmente racista.

Segundo as pesquisas apresentadas pelo Doutor Alcir Lenharo (Lenharo, 2003: 8), constatou-se que já em 1941 sabia-se pela imprensa que mil judeus de Varsóvia haviam sido mortos por inalação forçada de gases venenosos, e bem antes disso, em 1934, jornais austríacos denunciavam os métodos de Dachau.³

Sob essa ótica, o Holocausto foi então um evento pan-europeu, decorrente das privações causadas pela Grande Depressão, da xeno-

fobia, do medo da imigração e da influência das ideias fascistas. De acordo com pesquisas de opinião realizadas pelas SS's, constante da obra de Hannah Arendt, citada por Lenharo, «tais relatórios confirmaram que a população alemã estava notavelmente bem-informada sobre o que se passava com os judeus e a política de guerra, e dava o seu aval às iniciativas do regime». Perturbador é a descrição clara feita pelo escritor Ernest Wiechart, citado também por Lenharo, acerca da participação popular contra os prisioneiros que eram levados para Buchenwald.⁴ Segundo ele, «o trem parava em todas as estações e as pessoas se acossavam para insultar os deportados e cuspir neles – se estavam sendo transportados para um campo de concentração, eram merecedores de tal castigo» (Lenharo, 2003)

Sheila Fitzpatrick (2015) aponta para a mesma conclusão ao analisar o «time de Stalin», sustentando que esses se mantiveram unidos «as a time led by Stalin», após a morte de Lenin, e mesmo após Stalin – «this post-Stalin leadership – Stalin's team without Stalin», o que faz a historiadora concluir à evidência que eles não eram homens obedientes, como alguns

² *Schutzstaffel*, «tropas de proteção»: tornaram-se uma gigantesca organização independente, com mais de 300.000 membros, a controlar todo o aparelho policial do país.

³ *Dachau* foi o primeiro campo de concentração criado logo após a tomada de poder por Hitler e seus correligionários na Alemanha, servindo a sua arquitetura de modelo para todos os demais campos de concentração posteriormente construídos. Recebeu primeiramente os alemães, adversários políticos do ditador; com o tempo passaram a ser transferidos para lá também os homossexuais, estrangeiros (provenientes de 27 países), ciganos e judeus.

⁴ *Buchenwald* foi um campo de concentração Nazi localizado no actual estado da Turíngia, no leste da Alemanha.

observadores daquele período justificaram. Para a historiadora, aceitar que não havia colaboração e consenso, negar a «essência do mal» de alguém como Stalin e seus homens, nos impediria de ver o mundo em sua perspectiva e, portanto, tornar-se-ia muito difícil entender por que eles agiram, o quê e de que maneira fizeram. Marc Ferro relata que, em 1921, um militante soviético diria «era preciso fuzilar todas as pessoas que merecem sê-lo» (Ferro, 2017: 52).

Entender como esses homens viam o mundo sempre traz consigo o perigo de justificar suas ações. Mas, para um historiador, representaria um perigo oposto – acreditar que os atores históricos simplesmente não compreendiam o que estava acontecendo, devido à falta de compreensão do que estavam fazendo –, e ainda maior.

Não obstante essas constatações, releva notar respeitáveis opiniões contrárias, a citar o historiador alemão Joaquim Fest (2017), de que a população alemã seria vítima de um anes- siamento coletivo e não teria forças psicoló- gicas para romper o cordão de encantamento que a prendia ao regime. Explicações essas procuram evidenciar que a participação po- pular era consequência da coerção e do medo, depositando assim toda a responsabilidade nas autoridades e seus prepostos, criadores de um universo psicológico e ideológico do qual ninguém podia se desvencilhar. Ou mesmo as reflexões de Hannah Arendt (1983) e Cristo-

pher Browning (1992) sobre como muitos dos mentores e agentes do extermínio não eram necessariamente antissemitas extremados, mas fiéis funcionários da Alemanha e do *Reich*, cum- prindo, com maior ou menor entusiasmo, quais- quer funções que lhes eram determinadas.

Por mais cruel que possa parecer, é inegável que a força coercitiva que estava por trás do poder desses regimes totalitários é insepa- rável do consenso em largas faixas da socie- dade, em torno do que estava acontecendo em nome de um *Duce*, *Vozdou*, ou de um *Führer*. A coerção e o consentimento foram dois lados da mesma moeda. Fitzpatrick (2015) é enfá- tica ao afirmar que os homens de Stalin se encontravam regularmente, se relacionavam, aparentemente ligados num coletivo político. Eles tinham um senso de si próprios como uma equipe. Com muita propriedade, concluiu Alcir Lenharo que «insuficiente como expli- cação, esse ponto de vista esbarra em situa- ções dramáticas em que o serviço sujo não era exatamente obrigatório para determinados voluntários», os quais prontamente, e nume- rosos deles, «se antecipavam à exigência dos carrascos nazistas para fuzilar centenas de pessoas indefesas, e o faziam porque eram antissemitas convictos e aprovavam integral- mente a solução final levada a cabo pelos na- zistas». É essa também a visão do professor de Harvard Daniel Jonah Goldhagen, em seu bombástico livro *Os carrascos voluntários de Hitler* (Bertonha, 1999).

Em concordância com o posicionamento sobre o consentimento do povo alemão, o renomado Ian Kershaw, em sua obra *Hitler: Um perfil do poder* (Kershaw, 1993), concluiu:

Embora as decisões cruciais sobre o extermínio dos judeus tenham sido efetivamente tomadas por Hitler, a «Solução Final» não pode ser vista simplesmente em termos personalizados. A radicalização da política antijudaica, durante a década de 1930, se dera com pouco envolvimento ativo por parte de Hitler e inteiramente à vista da sociedade alemã. Se muitos cidadãos comuns não chegaram a se entusiasmar com o que estava acontecendo, não houve, por outro lado, praticamente nenhuma oposição. Também as igrejas se voltaram para seus próprios interesses e continuaram em silêncio, como instituições, diante da flagrante desumanidade [...]. O genocídio alemão, portanto, esteve longe de ser obra de um só homem. Ao contrário, foi o produto da disposição, por parte de setores amplamente diversificados da sociedade, de trabalhar pelas metas visionárias de um «líder carismático», o qual foi inteiramente isentado de quaisquer restrições constitucionais ou legais.

Algo muito mais forte percorria o interior da sociedade, agitava corações e mentes. Razões profundas levaram milhões de pessoas a concentrar seu investimento afetivo nas promessas e palavras de ordem fascistas, estabelecendo um sinistro pacto de cumplicidade. O sucesso da campanha deveu-se à predisposição inicial em aceitá-la. Provavelmente, a

maioria dos defensores do nazismo estava ao menos parcialmente convertida, muito antes de encontrar Hitler, ou de sucumbir de algum modo ao seu carisma, em função da visão de um futuro heroico, uma nação alemã regenerada, renascida das cinzas da destruição total da antiga ordem e dos inimigos da nação.

Neste aspecto, os movimentos políticos e sociais intolerantes e de massa, tal como os fascismos, o stalinismo, o fundamentalismo islâmico e as guerras santas, devem ser capturados dentro da própria pessoa e nas instituições sociais que o geram diariamente. Devem-se buscar todas as condições, mais íntimas e maiores, do instinto e do pensamento humano, uma vez que a sua capacidade de atração sobre as massas reside na competência de oferecer segurança e refúgio capaz de superar o estranhamento ou mal-estar do homem comum diante da sociedade moderna. Quanto mais desamparado se torna o indivíduo de massa, mais acentuada é a sua identificação com o líder carismático. Os sucessos da propaganda estavam na capacidade de interpretar e explorar os valores e anseios preexistentes. Atuam como expressão da estrutura irracional do homem médio, o qual tem necessidades, impulsos reprimidos e desejos insatisfeitos há milênios, razão pela qual constituem um fenômeno internacional, que transpassa todos os corpos da sociedade humana, de todas as nações.

5. A intolerância ainda presente

A pergunta «como Hitler foi possível?» preocupou os oponentes contemporâneos do nazismo e tem obcecado os historiadores desde então. Se traçarmos um liame para chegar aos dias atuais, podemos constatar que inúmeros comportamentos malévolos, intolerantes, marcados pela frieza, descaso e banalização da vida e da dignidade humana, que pareciam ter sido soterrados com o fim da Segunda Guerra Mundial, renascem sem qualquer reserva.

Os anos 60, tumultuados com uma onda de insatisfação e desejo de mudança política e econômica, produziram uma onda de energia transformadora manchada com o aparecimento dos primeiros bandos de *skinheads*. A esses iriam se juntar os *teddy-boys*, os *mods* e os *rockers*, os quais começaram a atuar também nos estádios de futebol, tornando-se uma ameaça permanente a cada jogo, após a Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. Um sentimento comum nesses grupos: o nacionalismo exacerbado e um confuso discurso antiburguês, de pequenos grupos saudosistas com velhas palavras de ordem e com certo ar de *déjà vu*.

Nos anos 70, a mesma base social de jovens marginais, desajustados e filhos de proletários pobres «do (antes) austero reino britânico» (Salem, 2003) iria dar origem ao movimento *Punk*. Jovens tendo em comum a maneira de se vestir, objetivando causar impacto, chocar, espantar, e mesmo sem assumir uma posição

política declarada, cultivavam um perfil contestador e agressivo. Esse movimento se espalhou pelos Estados Unidos, os *SkaSkin*, e no início dos anos 80, mundo afora. A reunião do movimento *Punk* com outro que viria a surgir, o *Oi!*, «esquentaria o verão inglês daquele ano, 1981, e também de 1982 (o mesmo da Guerra das Malvinas), com violentos distúrbios raciais entre gangues *skins* e imigrantes asiáticos. Os *skins* já assumem postura abertamente nazista» (Salem, 2003). Igualmente antissemitas, anticomunistas, racistas, machistas, autoritários, violentos, tatuam em seus corpos a suástica e fazem a saudação *Heil Hitler* em público. Não raro, o alvo do ataque desses movimentos se volta contra imigrantes pobres (asiáticos, turcos, árabes e negros) estabelecidos tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, neste último, aproximando-se dos violentos racistas da *KuKluxKlan*. Mais uma vez, em comum há o desemprego e o desespero de uma juventude empobrecida e sem perspectiva, buscando oprimir outros ainda mais desprivilegiados.

Mas não há dúvidas que cada grupo extremista tem suas peculiaridades, entretanto, entre eles há o mesmo motor que move a repulsa. Rigorosamente, são autoritários e excludentes, antidemocráticos, intolerantes e agressivos.

A crise do socialismo, a partir de 1985, e a reunificação alemã acabam por servir de referência para novos grupos neofascistas. Nesse momento, o nacionalismo exaltado e um forte sentimento anticomunista inserto no con-

texto da Guerra Fria acabaram servindo como fatores relevantes capazes de atrair simpatias e conquistar um eleitorado fiel a um movimento contrário à expansão bolchevique, aglutinando grupos fascistas, os quais, aliás, «se mantinham extremamente ativos sob a fachada de luta contra o comunismo e em defesa da civilização ocidental e cristã» (Teixeira da Silva, 2004).

Segundo fontes oficiais citadas pela autora Helena Salem (2003), foram constatados, no início da década de 1990, 80 grupos de extrema-direita na Alemanha, com um total de 68 mil membros; na Itália, o Ministério do Interior tem fichados mil *naziskins*, que, como seus congêneres alemães, praticam todo o tipo de atrocidades contra imigrantes, judeus e demais minorias; uma pesquisa realizada em 1992, pela Comissão Nacional dos Direitos do Homem na França, indicou que 62% dos franceses se diziam atraídos por algumas ideias racistas e, no restante da Europa (Inglaterra, Bélgica, Holanda, Áustria e até mesmo na neutra Suíça), pipocam igualmente grupos neofascistas cada vez mais organizados.

De outra ponta, guardados cuidados a respeito do contexto histórico e de seus atores, o fundamentalismo islâmico poderia ser comparado ao fascismo a partir de suas características e elementos definidores, quais sejam: a grande atração das massas, o culto da morte e da dor, a vocação para o autossacrifício e a vida após a morte como uma recompensa pelo martírio,

a banalização da vida e o descaso em relação à pessoa humana, montado num discurso categórico, de cunho messiânico e salvacionista.

Capaz de reunir a estranheza psicológica (mal-estar) com as tensões sociais, oferecendo segurança e propondo um reino futuro capaz de superar esse desassossego, critica violentamente o tempo presente, construindo um desejo utópico de retorno ao passado. Contraditoriamente, utiliza os mecanismos mais avançados do ponto de vista tecnológico, propiciados pelo mundo moderno, para difundir o ódio e o seu desejo de domínio. Através de moderna rede de comunicação, divulgam suas mensagens extremistas e aliciam novos militantes. Presente está o mesmo ideal de líder carismático e a identificação das massas com este líder, o que constitui semelhante mecanismo «com a transferência da sua própria identidade para um ente, individual ou coletivo, que passa ser alvo voluntário e querido de uma adoração sem limites, normalmente sob uma liderança carismática, de Mussolini e Hitler até Osama Bin Laden» (Teixeira da Silva, 2004). Assim, seria perfeitamente possível identificar uma simetria entre o fenômeno dos campos de concentração e os atentados terroristas de massa.

Sob outro olhar à questão islâmica, Ian Kershaw, em seu artigo «Ghosts of fascists past» (2001), aponta sua preocupação para a crescente intolerância, preconceito e fanatismo em relação à fé muçulmana e seus adeptos,

o que igualmente suscita preocupações legítimas. O constante questionamento sobre se a adesão à fé islâmica é compatível com os valores das democracias ocidentais nos motiva a sugerir uma forma secreta de racismo.

Segundo o autor, nenhum país europeu pode se considerar intocado após as «ondas sísmicas» do 11 de Setembro nos Estados Unidos. A Europa tornou-se imediatamente parte da proclamada «guerra contra o terrorismo», envolvendo-se em operações militares dispendiosas no Iraque e no Afeganistão. O autor cita os atentados terroristas aos trens de Madri em 2004 (conhecido como 11-M) e ao metrô de Londres em 2005, como *exemplos que nos mostram* que nenhuma capital europeia está a salvo dos terroristas suicidas.⁵ Em sua visão, na consciência pública, a ameaça do terrorismo islâmico substituiu o velho bicho-papão do «Susto vermelho». A segurança altamente intensificada nos aeroportos seria apenas o sinal mais visível de uma sociedade em permanente vigilância reforçada, uma vez que a segurança contra a violência extremista acabou tornando-se prioridade em relação às liberdades pessoais, muitas vezes vistas pelos governos como sendo menos importantes.

Enquanto isso, o que se vê na Europa é um movimento dos imigrantes de países mais

pobres que procuram trabalho nas economias mais ricas da Europa Ocidental, produzindo tensões sociais e políticas, o que acaba produzindo constantes animosidades dirigidas aos recém-chegados. Embora os imigrantes sejam importantes para o crescimento econômico continuado das nações mais ricas, seu assentamento – em grande parte nas zonas empobrecidas das cidades – é muitas vezes bastante indesejável. Muitas pessoas, em situação de desvantagem e vivendo perto da linha de pobreza, se opõem fortemente aos «intrusos», amparados na crença (geralmente incorreta) de que os imigrantes seriam privilegiados por vantagens nas oportunidades de emprego, alocação de habitação e concessão de benefícios sociais por parte dos governos. A base para um potencial renascimento das tendências fascistas estaria assim estabelecida (Kershaw, 2011: 6-14).

Kershaw aponta ainda seu olhar para os EUA em 2008, onde a quebra dos bancos, a mais séria crise desde 1930, provocou pensamentos sobre as condições que promoveram o fascismo em toda a Europa. Naquela época, os principais Estados europeus foram forçados a gastar somas de dinheiro para resgatar instituições econômicas e evitar uma crise completa. E, ao fazê-lo, criaram uma enorme dívida que agora está sendo combatida à custa

⁵ A esses dois incidentes poderíamos adicionar os mais recentes ocorridos na revista *Charlie Hebdo*, em uma casa de shows, bares e restaurantes em Paris, em 2015; em 2016, os ataques ao aeroporto e a uma estação de Metro na Bélgica; nas ruas em Nice, na França, e em Berlim, na Alemanha; em 2017, em Barcelona, e mais outros cinco espalhados pelo Reino Unido.

de grandes cortes nas despesas públicas. Na Grécia, por exemplo, as reduções massivas dos gastos do Estado, impostas pela União Europeia como condição de um pacote de resgate para a economia fracassada, afligiram a população ainda mais drasticamente, levando a sérios tumultos nas ruas de Atenas. Na Irlanda, também, o colapso da economia causou grande miséria social e agitação política. Os fundos de reserva já foram utilizados para os resgates grego e irlandês. Portugal, Bélgica e a Espanha igualmente são alvos de preocupações. Nessa seara, a população sofre ao ver seu padrão de vida ser significativamente afetado para pior. Foi estimado, por exemplo, que os salários caíram mais acentuadamente no Reino Unido nos últimos anos do que em qualquer momento desde a década de 1920. O desemprego cresce acentuadamente, à medida que os serviços públicos são reduzidos. Os jovens seriam os especialmente atingidos. Tal cenário poderia ser um terreno fértil para os movimentos extremistas de direita, os quais explorariam o «espaço político» criado através do enfraquecimento do apoio aos partidos principais, lucrando com os sentimentos anti-imigrantes – subjugando a base da democracia. Crises financeiras, como a de 2008-2009, ou grandes mudanças sociais, como a crise migratória europeia de 2015, forneceriam um panorama propício para que as sementes do populismo criem raízes (Edwards, 2023).

Entretanto, mesmo diante desse diagnóstico, Kershaw sustenta que «pelo menos na super-

fície», a ordem política existente foi consolidada. Em contraste com o impacto da Grande Depressão da década de 1930, as instituições governamentais da Europa, apesar de suas dificuldades, permaneceram intactas. Segundo ele, não houve indicação de que o fascismo ou outros extremos políticos estejam próximos do poder. Pelo menos até agora, a Europa resistiu à tempestade, o que significaria para ele que um novo momento fascista não parece provável ou próximo de vir a ocorrer.

Para Kershaw (2011), a islamofobia é uma preocupação séria. É, sem dúvida, generalizada e facilmente se alimenta de vistas racistas. As séries de ataques terroristas podem vir a desencadear uma onda de hostilidade nos países europeus em direção a toda a população muçulmana, cuja maioria é pacífica, respeitadora da lei, formada por cidadãos trabalhadores. Esse sombrio sentimento anti-islã poderia promover uma plataforma para a extrema-direita transformar a antipatia latente em agressão racial absoluta. Ainda que a imagem geral não seja aquela que suscita grande entusiasmo, o historiador é otimista ao afirmar que esse descontentamento não será convertido em radicalismo de direita, ou mobilizado de forma a pôr em perigo as liberdades democráticas. Essas liberdades provavelmente correm maior risco de serem restringidas pelas estruturas estatais existentes, apertando seus sistemas de segurança e vigilância, baseando-se na aquiescência pública, à medida que os temores reais ou exagerados das pessoas

em relação a ataques terroristas são facilmente explorados. E chega a profetizar: «Europe will gradually recover from its present travails. Prejudice and discontent will be managed. And life will go on» (Kershaw, 2011).

Não obstante, ainda assim, mostra-se alerta em não ignorar a existência de movimentos de inspiração fascista e racistas na maioria dos países europeus, ou as formas em que o sentimento anti-imigrante pode ser rumoroso sob a voz de defesa nacional, ainda que representado por minorias partidárias. Se o fascismo só pode triunfar em condições históricas bastante específicas, é triste diagnosticarmos a sobrevivência desses movimentos, ainda que residuais e reformados. Em que pese desejarmos crer numa visão otimista do futuro e da humanidade, é indubitável que faz merecer nossa atenção para a presença de estruturas mentais marcadas pelas ideias de frieza e o desejo de uma solução para o estranhamento, para que a possibilidade de novo holocausto seja cada vez menos possível nos nossos dias.

6. Considerações finais

A natureza destrutiva e autodestrutiva dos movimentos totalitários, de ideias extremistas, intolerantes, antidemocráticas, agressivas, marcados pela frieza e banalização da vida, tais como os fascismos, e sua expressão mais extremada — o nazismo, o stalinismo e os fundamentalismos —, não pode ser reduzida ao impulso pessoal de um líder para a destruição.

Esses movimentos não foram produtos da imaginação, da vontade ou da implacabilidade de um homem só ou de um pequeno grupo. Por esse motivo, reside o interesse na análise das possíveis razões pelas quais sociedades complexas e modernas se dispuseram a acompanhar seus líderes até o fundo do abismo, uma vez que o apoio popular à forma de poder autoritária se mostrou indispensável ao seu efetivo exercício.

Mas o Holocausto, os ataques terroristas em massa e, em última análise, os genocídios em geral, oferecem outras lições universais: fazem-nos ficar atentos ao fato de que a intolerância, a xenofobia, o racismo, o antissemitismo, a islamofobia podem gerar violências e atrocidades inomináveis e que qualquer sociedade, por mais avançada que se apresente, seja em termos culturais, científicos ou tecnológicos, pode se tornar criminosa, caso perca a capacidade de distinguir entre o certo e o errado, caso deixe que sentimentos de estranheza e mal-estar social conduzam o seu caráter.

A década de 2020 dá-nos sinais de ser um terreno mais fecundo do que a década anterior para o crescimento desse tipo cenário. O continente europeu viu o retorno da inflação, do aumento do custo de vida, das taxas de juros e da carga tributária, à medida que os governos se recuperam da pandemia de Covid-19 e buscam aumentar os gastos com defesa. Pesquisas de opinião recentes mostram que a questão da imigração também está

aumentando em importância, gerando vozes socialmente conservadoras, que vêm se espalhando pelo continente. As crises políticas e econômicas seriam, portanto, as molas propulsoras para o fortalecimento desses grupos. Hoje em dia, como outrora, buscam-se culpados pelos problemas, responsabilidade que normalmente recai sobre o diferente, sejam opositores políticos, imigrantes ou pessoas de outras culturas.

Aliado a isso, observa-se que partidos de extrema-direita, que antes eram excluídos das alianças governistas, mostram-se cada vez mais próximos, e a barreira que antes os separava do centro-direita está se mostrando cada vez mais permeável, na medida em que vão ajustando parte de seu discurso com o objetivo de parecer uma opção eleitoral mais confiável (Edwards, 2023). É de se considerar ao mesmo tempo a retórica adaptada da esquerda com vistas a inibir os avanços mais conservadores, a qual, sob o argumento da defesa da democracia, seria igualmente capaz de produzir um discurso e uma liderança extremista.

Desta forma, se a política tradicional parece não dar resposta aos anseios sociais, cria-se espaço para que os eleitores sejam atraídos pela franqueza dos partidos de cunho mais radical (Adler, 2023). Como aponta o cientista político americano Larry Bartels, há também uma teoria de que há muito existe um «reservatório» de sentimento populista na Europa.

O que importa é como os políticos se valem disso (Edwards, 2023).

Nessa linha, Cohen (2015) nos deixa um questionamento: «O século vinte não teria efetivamente terminado? Não encontramos hoje em dia novamente o esforço para que não se criem chefes?». É primordial, portanto, desvendarmos que esses movimentos políticos e sociais não são como uma obra de uma dúzia de endemoniados. O passado nos ensina que cada indivíduo é responsável pela própria consciência e pelo próprio destino.

Trata-se, assim, de uma advertência da História: que simplesmente obedecer a ordens não constitui desculpa para atos criminosos. Refletir sobre isso desafia as nossas apressadas teorias a respeito da modernidade e do progresso, como igualmente questiona o nosso entendimento do que significa sermos humanos. É, portanto, o desafio da humanidade garantir que os tempos de horror jamais retornem.

Bibliografia

Impressa

Arendt, H. (1983). *Livro: Eichmann em Jerusalém*. Companhia das Letras. São Paulo;

Bertonha, J. F. (1999). Daniel Jonah Goldhagen. Os carrascos voluntários de Hitler. O povo alemão e o Holocausto [recensão]. *Revista Brasileira de História*, **19**: 321-327;

Browning, C. (1992). *Ordinary men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. Penguin Books Ltd. London;

De Decca, E. (2004). O Brasil que Getúlio sonhou. *História Viva – Grandes Temas (Getúlio Vargas)*, 4;

Ferro, M. (2017). *A cegueira – Uma outra história do nosso mundo*. (1.^a ed.). Cavalo de Ferro. Lisboa;

Fest, J. (2017). *Hitler*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro;

Filho, D. A. R., Ferreira, J. e Zenha, C. (org.) (2000). *O século xx. O tempo das crises – Coleção História*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. Vol. 2;

Fitzpatrick, S. (2015). *On Stalin's team: The years of living dangerously in Soviet politics*. (3.^a ed.). Princeton University Press. Princeton. Vol. 22;

Freud, S. (1978). *O mal-estar na civilização*. Abril Cultural.

Kershaw, I. (1993). *Hitler. Um perfil do poder*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro;

Lenharo, A. (2003). *Nazismo, O triunfo da vontade*. (6.^a ed.). Ática. São Paulo;

Oliveira, D. D. M. e Cruz, M. H. S. (1970). Sobre a psicologia de massas do fascismo de W. Reich. *Revista Psicologia e Saúde*, 1, 1: 70-76;

Riefenstahl, L. (dir.) (1935). *O triunfo da vontade* [original: *Triumph des Willens*]. Universum Film AG;

Salem, H. (2003). *As tribos do mal: O neonazismo no Brasil e no mundo*. Atual. São Paulo;

Teixeira da Silva, F. C. (org.) (2004). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século xx: As grandes transformações do mundo contemporâneo*. Elsevier-Campus Editora. São Paulo;

Wilhelm, R. (2001). *Psicologia de massas do fascismo*. (3.^a ed.). Martins Fontes. São Paulo.

Digital

Adler, K. (2023, 3 de julho). O rápido avanço dos partidos de direita radical pela Europa. *BBC News – Brasil*. Acedido em 25 de maio de 2025, em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3gm0pj2ykgo>;

Cohen, Y. (2015). Por que chamar o século xx de o «século dos chefes»? [versão eletrônica] *Sociologia & Antropologia*, 5, 3: 963-981. Acedido em 28 de maio de 2025, em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/jfnSZFhmGbq3Dym-6qVKp4LQ/?lang=pt>;

Edwards, C. (2023, 22 de julho). Análise: Por que os partidos de extrema direita estão em marcha pela Europa? *CNN Brasil*. Acedido em 25 de maio de 2025, em: <https://www.cnn-brasil.com.br/internacional/por-que-os-partidos-de-extrema-direita-estao-em-marcha-pela-europa>;

Falbo, G. (2005). Considerações sobre o mal-estar na civilização. Em: Bernardes, A. (org). *10 x Freud*. Azougue/Lapso. Rio de Janeiro/Niterói. Acedido em 25 de maio de 2025, em: https://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2020/01/Texto_Gizelle_Falbo_selecao2020.pdf;

Kershaw, I. (2011, 23 de fevereiro). Ghosts of fascists past. *History News Network*. Acedido em 25 de maio de 2025, em: <https://historynewsnetwork.org/article/136936>.